

MOCIDADE E
GOVÊRNO

Raul Pilla

NÃO posso deixar de trazer o meu aplauso a Gustavo Corção. Aplauso não só pelas palavras justas que disse, mas também pela coragem com que as disse. Sim, tudo anda de tal forma pervertido neste pobre país, graças à proteiforme demagogia que o avassalou, que prova de coragem é dizer certas verdades fundamentais.

Professor e publicista, não se excusou Gustavo Corção de dar aos estudantes a lição devida. O seu papel dêles não é resolver problemas de ordem administrativa, que êstes cabem aos governantes, mas preparar-se para os vir a resolver mais tarde, quer como técnicos e profissionais, quer como homens públicos. O contrário disto é a subversão de todo o processo social.

Esta é a lição do ilustre professor e publicista. Por mais ineptos que se mostrem os governantes, não têm os estudantes o direito de «brincar de governar».

Entendamo-nos, porém. Com êste conselho não se pretende afastar os estudantes das nobres preocupações da vida pública. Deseja-se, apenas, que se mantenha êles na esfera própria da idade e da condição: Nela se inclui, por exemplo, o debate das grandes teses políticas e sociais. Nela caberia também um movimento pela regeneração dos nossos costumes públicos. Assim procedendo, preparar-se-iam os estudantes, não só para exercer dignamente uma profissão cheia de responsabilidades, mas também para vir a desempenhar oportunamente aquela árdua missão, de que tão ansiosos se estão mostrando. Retomando a frase de Gustavo Corção, em vez de brincar de governar, deveriam é preparar-se para governar.

Parece, porém, que isto já os não satisfaz. A mocidade é para êles, por si só, um título de superioridade. E' êste um fenômeno social, que encontra a sua mais clara expressão na existência de «alas môças» nos atuais partidos políticos. Se elas visassem apenas canalizar as transbordantes energias dos môços, pouco haveria que reparar. Mas o que pretendem é assumir função de direção e comando, embora para tanto lhes falte, pelo menos, experiência.

Lembro-me eu, com natural saudade, do meu tempo, em que, nós, os môços, nada mais pedíamos, senão poder auxiliar os mais velhos, e éramos chamados a ocupar cargos na direção partidária, não por sermos môços, mas apesar de o sermos. O mérito era então do indivíduo, não da sua mocidade, e esta apenas o realçava.

Isto, porém, pertence a outra época, eu quase diria, a outro mundo...